



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA LICENCIATURA

***YOUTUBE* COMO PLATAFORMA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: NA ERA DOS
“PROFESSORES-YOUTUBERS”**

TARCÍSIO MOREIRA DE QUEIROGA JÚNIOR

Foz do Iguaçu
2018



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

HISTÓRIA LICENCIATURA

***YOUTUBE COMO PLATAFORMA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: NA ERA DOS
“PROFESSORES-YOUTUBERS”***

TARCISIO MOREIRA DE QUEIROGA JUNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Maria Spyer Dulci

Foz do Iguaçu
2018

TARCISIO MOREIRA DE QUEIROGA JUNIOR

***YOUTUBE COMO PLATAFORMA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: NA ERA DOS
“PROFESSORES-YOUTUBERS”***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Maria Spyer Dulci
UNILA

Prof. Dr. Gerson Galo Ledezma Meneses
UNILA

Profa. Dra. Juliana Pirola da Conceição Balestra
UNILA

Prof. Dr. Tiago Costa Sanches
UNILA

Foz do Iguaçu, 03 de dezembro de 2018.

QUEIROGA JÚNIOR, Tarcísio Moreira de. *YouTube como plataforma para o ensino de História*: na era dos “professores-youtubers”. 2018. 28 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em História Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

Resumo: Este artigo é fruto de uma pesquisa que procurou compreender como se dá o processo de ensino de História no *YouTube*, a partir de um estudo de caso de “professores-youtubers”. Investigou-se *youtubers* que utilizam a plataforma como espaço para publicar suas aulas, produzir e divulgar conhecimento histórico. Diante da atual conjuntura das novas tecnologias de informação e comunicação disponíveis, que aos poucos vão conectando e transformando as práticas educacionais, buscou-se analisar três canais no *YouTube* entre os mais visualizados no Brasil voltados para o ensino de História: “Leitura ObrigaHistória”; “Se Liga Nessa História”; “Vamos Falar de História?”. O objetivo central é compreender a relação desses *youtubers* com a plataforma, dentro da cultura participativa da *Web 2.0*, também com o ensino de História e seu público.

Palavras-chave: Ensino de História. *YouTube*. Cultura Participativa. “Professores-Youtubers”

QUEIROGA JÚNIOR, Tarcísio Moreira de. *YouTube como plataforma para la enseñanza de Historia: en la era de los "profesores-youtubers"*. 2018. 28 páginas. Trabajo de Conclusión de Curso en la graduación en Historia Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

Resumen: Este artículo es fruto de una investigación que buscó comprender cómo se da el proceso de enseñanza de Historia en *YouTube*, a partir de un estudio de caso de "profesores-youtubers". Se investigó *youtubers* que utilizan la plataforma como espacio para publicar sus clases, producir y divulgar conocimiento histórico. Ante la actual coyuntura de las nuevas tecnologías de información y comunicación disponibles que, de a poco van conectando y transformando las prácticas educacionales, se buscó analizar tres canales de *YouTube* entre los más visualizados en Brasil direccionados al aprendizaje de Historia: "Leitura ObrigaHistória"; "Se Liga Nessa História"; "Vamos Falar de História?". El objetivo central es comprender la relación de esos *youtubers* con la plataforma, dentro de la cultura participativa de la *Web 2.0*, también con la enseñanza de Historia y su público.

Palabras-clave: Enseñanza de Historia. *YouTube*. Cultura Participativa. "Profesores-Youtubers"

Introdução

Após contato com escolas públicas no período de estágio supervisionado na graduação, percebemos uma grande utilização do *YouTube*¹ por estudantes do ensino fundamental e ensino médio como suporte de entretenimento e, também, como instrumento auxiliar na compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Além de termos observado os estudantes do ensino fundamental e ensino médio, notamos também que esse método de estudo é empregado por colegas universitários e, em ambos os casos, o *YouTube* é utilizado como ferramenta paralela ao professor, não como fonte primária, mas sim como um facilitador ao acesso e compreensão de certas narrativas e conceitos históricos. A plataforma é uma ferramenta que expõe as informações em uma linguagem mais acessível, por utilizar-se dos recursos audiovisuais para uma maior atratividade.

O *YouTube* é frequentado por mais de um bilhão de pessoas todos os meses de acordo com informações disponíveis na própria plataforma², o que representa quase um terço dos usuários da internet. Portanto, a importância social do *YouTube* é inegável, sendo legitimada por meio das milhões de visualizações, comentários, compartilhamentos e conteúdos produzidos diariamente e acessível gratuitamente.

Posto isso, destacamos o impacto cultural que as novas tecnologias da informação e comunicação estão proporcionando para a sociedade, isto é, a partir da cultura digital as relações humanas estão mudando. Nesse sentido, a internet revolucionou o modo como nos comunicamos, interagimos e compartilhamos informações, e trouxe:

[...]consigo inúmeros impactos que, por sua vez, atingiram diversas áreas sociais. A educação não escapa dessa mudança. Cada vez mais a tecnologia se faz presente na escola e no aprendizado do aluno, seja pelo uso de equipamentos tecnológicos seja por meio de projetos envolvendo educação e tecnologia. (DE OLIVEIRA, 2015, p.76)

A tecnologia em geral, além de estar cada vez mais presente no ambiente escolar, abre possibilidades para que os profissionais do ensino atuem ou migrem do ambiente escolar para o ambiente virtual, sendo o *YouTube* o meio mais utilizado por esses profissionais. Nesse sentido, torna-se indispensável refletir sobre como esses profissionais estão utilizando e apropriando-se dessa plataforma para o ensino.

Ademais, o espaço virtual está avançando significativamente no campo educacional devido a massiva popularização da plataforma, o que nos faz repensar o uso e a função social dos docentes

¹ O maior e mais popular compartilhador de vídeos entre os internautas brasileiros, somente atrás do Google. Disponível em: < <https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

² Dados obtidos no segmento referente às estatísticas proporcionadas pelo próprio site do *YouTube*. Disponível: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

que atuam no *YouTube*, sendo o escopo deste trabalho os vídeos de cunho histórico. Portanto, pretende-se analisar o que esses profissionais priorizam, os métodos adotados para se destacarem e como eles se apropriam desse espaço virtual.

Por último, vale destacar que esta pesquisa se deu por meio de observação, coleta de dados, aplicação de questionário e estudo de três canais de *youtubers*³, entre os mais visualizados que trabalham com o ensino de História. E dentre os canais selecionados, dois deles: o “Se Liga Nessa História” e o “Leitura ObrigaHistória”, são encabeçados por licenciados em História, que no entanto também são *youtubers*, e diante a pouca produção de pesquisa e alta complexidade do ensino de História no *YouTube*, optou-se por categorizar esses profissionais como “professores-*youtubers*”.

***YouTube*, Cultura Participativa e o mercado educacional**

O *YouTube* ocupa a segunda colocação no ranking entre os sites mais acessados do mundo, sendo superado apenas pelo Google, conforme o ordenamento feito por Alexa⁴. Antes de se tornar um fenômeno da internet, vale destacar alguns elementos da história da plataforma, pois segundo Jean Burgess e Joshua Green (2009), o *YouTube* foi fundado em junho de 2005, por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio *online PayPal*. Buscava ser um repositório de vídeos, tendo sido posteriormente comprado por 1,65 bilhão de dólares pela empresa *Google LLC* em outubro de 2006, chegando ao Brasil somente no ano de 2007. Assim, foi criado diante a necessidade de:

[...]compartilhar vídeos entre os usuários, ao permitir subir-los na rede de forma gratuita, ilimitada e sem restrições, facilitando que seu visionado público ou privado, possa classificá-los por temáticas, e gerar conversas entre os usuários mediante comentários. (GUZMÁN, MORAL, 2014, p.72, tradução nossa)

O *YouTube* proporciona aos usuários a gestão de suas contas por meio de um canal, “etiquetando documentos audiovisuais hospedados na internet para realizar buscas seletivas, permitindo aos usuários personalizarem serviços de acordo com suas preferências e gerem links através de outras redes sociais (Facebook, LinkedIn e Twitter)”. (GUZMÁN, MORAL, 2014, p.72, tradução nossa). Portanto, os usuários podem produzir e compartilhar vídeos com facilidade para

³ Produtores de vídeos que possuem um canal no *YouTube* como forma de publicação e compartilhamento para os vídeos produzidos. De acordo com: MOTA, Bruna Seibert; BITTENCOURT, Maíra; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. "A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia." Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação–E-compós, Brasília 17, no. 3, 2014.

⁴ Alexa fornece análise de dados e de tráfego na internet. Tendo como principal serviço o de medir a quantidade de usuários que frequentam determinados sites na Internet. A partir desses dados a companhia desenvolveu um ranking global e regional. Disponível em: <www.alexa.com>. Acesso em: 18 nov. 2018.

que outras pessoas ao buscar sobre determinado assunto, de acordo com as suas preferências, consigam pesquisar e assistir de qualquer lugar do mundo e em múltiplas línguas, já que está disponível em mais de 70 idiomas.

A plataforma funciona dentro dos moldes da *Web 2.0*. Esse conceito “[...] e tudo que este envolve nasceu em consequência da crise que afetou o mercado da internet e que originou a falência de várias empresas durante o outono de 2001” (PEDRO, 2010, p. 93). Segundo Alexandra Raquel Pedro:

Foi então que numa sessão de *brainstorming* entre a O’Reilly Media e a Media Live International, onde se discutia a possibilidade da realização futura de uma conferência sobre a Internet, os intervenientes, partindo da expansão vivida pela Internet mesmo após a crise de 2001 e apontando que as empresas que tinham sobrevivido à crise pareciam ter características em comum, usaram pela primeira vez o termo *Web 2.0* para aludir a uma evolução da Internet (PEDRO, 2010, p.94).

Assim, em determinado momento a internet propiciou maior participação de seus usuários, que passaram a ser produtores/colaboradores, participantes ativos na produção dos conteúdos online, indo além de meros espectadores estáticos, o qual favoreceu a consolidação de maior dinamismo virtual. Nesse sentido, como afirmam Bottentuit Junior, Iahn e Bentes (2007, p.7), muitos dos usuários, devido ao rápido processo da mudança, nem se deram conta de que a internet mudou o seu paradigma. Ainda segundo estes autores:

A primeira geração da Internet teve como principal atributo a enorme quantidade de informação disponível, e que todos podíamos aceder. No entanto, o papel do usuário neste cenário era o de mero espectador da ação que se passava na página que visitava, não tendo na maioria dos casos autorização ou conhecimento para alterar ou reeditar o seu conteúdo. [...] A *Web 1.0* trouxe grandes avanços no que diz respeito ao acesso à informação e ao conhecimento, porém a filosofia que estava por detrás do conceito de rede global foi sempre a de um espaço aberto a todos, ou seja, sem um “dono” ou indivíduo que controlasse o acesso ou o conteúdo publicado. Houve sempre uma preocupação por tornar este meio cada vez mais democrático, e a evolução tecnológica permitiu o aumento do acesso de utilizadores possível pelo aumento da largura de banda das redes, pela possibilidade de se publicarem informações na web, de forma fácil, rápida e independente de software específico, linguagem de programação ou custos adicionais. (BOTTENTUIT JUNIOR, IAHN, BENTES, 2007, p.6)

A partir desse caráter participativo foi possível o desenvolvimento de outras ferramentas, como por exemplo, as redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, entre outras. Já como ferramentas de escrita com um viés colaborativo surgiram *blogs*, *Wikis* e *Podcast*. Depois, despontaram as ferramentas de mensagens instantâneas e de comunicação por voz, tais como *Google Talk*, *Skype* e *Whatsapp*. Porém,

[...] a *Web 2.0* não se restringe ao aparecimento e proliferação destas ferramentas, mas sim a utilização de forma coletiva e social da grande infinidade de ferramentas e serviços disponíveis, fazendo com que a informação seja partilhada livremente e

construída a partir da colaboração de todos os utilizadores da rede (BOTTENTUIT JUNIOR; IAHN; BENTES, 2007, p.9).

Essas ferramentas virtuais se apropriaram dessa onda de cooperação, e dos conteúdos elaborados pelos usuários para criarem negócios lucrativos. Tratando-se de um terreno fértil para os negócios fundamentados nessa cultura participativa, tal qual o *YouTube* se aplica, sendo que, “[...] a cultura participativa não é somente um artifício ou um adereço secundário, é seu principal negócio”. (BURGESS & GREEN, 2009, p.23). Assim, a plataforma possui uma dupla identidade e deve ser compreendida como negócio e, também, como fonte co-criada por usuários. Dados do projeto “*Pew Internet & American Life Project*”⁵ (Lenhardt & Madden, 2005), nos informam que mais da metade dos adolescentes já criaram algum conteúdo de mídia, e aproximadamente um em cada três usou a internet para compartilhar o conteúdo que produziu. De acordo com o serviço *online We are social*, o número de usuários da internet em 2018, até o momento, é de 4,021 bilhões, um aumento de 7% em relação ao ano de 2017, e o número de usuários de mídia social em 2018, também até a presente data, é de 3,196 bilhões, 13% a mais que no ano anterior⁶.

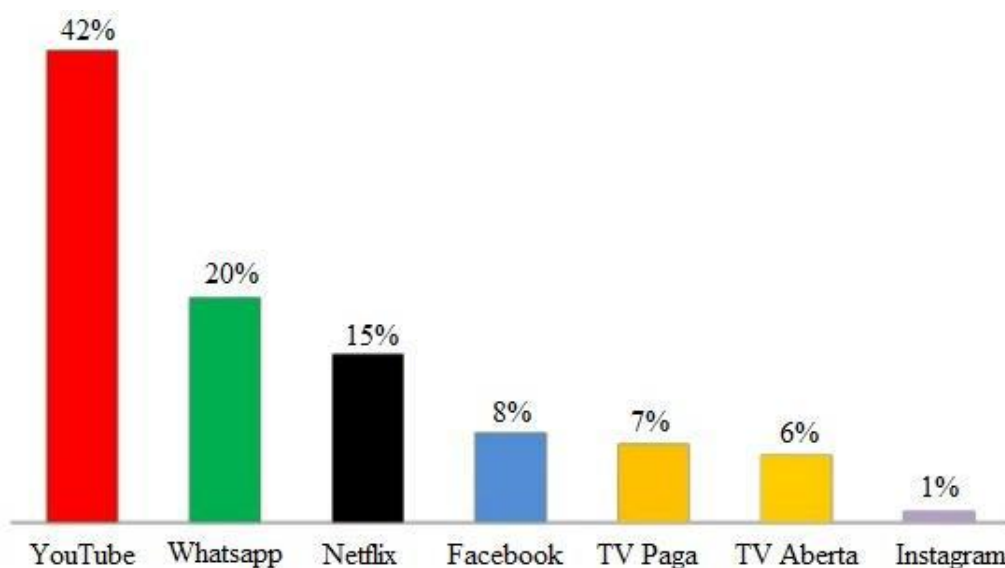
No Brasil o *YouTube* apresenta números expressivos. Um relatório intitulado “*De Play em Play*”, de julho de 2017, da *Think with Google*⁷, atesta que existem 98 milhões de brasileiros conectados à internet, e aproximadamente 95% dos brasileiros online que acessam a plataforma pelo menos uma vez por mês. O índice aumenta para 96% entre pessoas de 18 e 35 anos. De fato, a plataforma é a preferida dos brasileiros para assistir conteúdos do seu interesse, superando a TV, conforme podemos observar na figura abaixo, apresentada pelo estudo do Google (2017):

Figura 1. Plataformas de preferência para assistir conteúdos de vídeos de interesse.

⁵O *Internet & American Life Project* é dirigido por Lee Rainie e faz parte do *Pew Research Center*, um centro de informações apartidário que informa o público sobre as questões, atitudes e tendências que moldam a América e o mundo. O centro conduz pesquisas de opinião pública, estudos demográficos, análise de conteúdo midiático e outras pesquisas científicas empíricas. O projeto pretende ser uma fonte autorizada sobre a evolução da Internet por meio de pesquisas. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org>>. Acesso em: 20/05/2018.

⁶Agência especializada em social media do mundo. Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

⁷*Think with Google* é um portal de pesquisa e tendências da Google, fonte de informações relevantes, que juntamente com pesquisas de outras instituições fornece dados e gráficos de suas ferramentas, como o *YouTube*. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/de-play-em-play/>>. Acesso em: 31 mai. 2018.



Fonte: Estudo Video Viewers (GOOGLE, 2017, p.15).

Retomando o relatório “*De Play em Play*” (2017), este traz um dado que chama bastante atenção, o qual 63% dos consumidores declararam que não conseguiriam viver sem o *YouTube*. E 31% das pessoas que participaram das pesquisas afirmam que a plataforma pode ser considerada como fonte de aprendizado, sendo que 79% considera que assistir vídeos tutoriais é melhor do que fazer leitura de instrução. Desse modo, para alguns usuários o espaço da cultura digital dá a ideia de que é um local mais propício para o aprendizado do que a instrução mais tradicional, não digital. E 88% dos consumidores que apresentam mais afinidades com o *YouTube* possuem diploma de ensino médio ou ensino superior completo. Portanto, o índice de escolarização está diretamente relacionado ao maior uso da plataforma. Nesse sentido, a plataforma não se faz tão presente nas classes sociais menos abastadas que possuem menor grau de escolarização.

Tabela 1. Relevância da educação no *YouTube*.

	YouTube	TV Aberta	TV Paga	Facebook	Instagram
<i>Quando eu quero aprender sobre alguma coisa</i>	65%	10%	8%	17%	4%
<i>Traz informações que aumentam meu conhecimento</i>	52%	23%	20%	30%	6%
<i>É o lugar para ver e entender o que acontece no mundo</i>	43%	35%	28%	36%	9%

Fonte: Estudo Video Viewers (GOOGLE, 2017, p.18)

Diante dos dados apresentados na tabela 1, infere-se que o *YouTube* tem um significativo espaço no mercado educacional, e passou a explorar tal campo, tanto que desenvolveu e lançou no Brasil, em outubro de 2013, um projeto chamado *YouTube EDU*, uma plataforma de educação gratuita e em português, que reúne vídeos de educação produzidos e selecionados por docentes de distintos canais. Os idealizadores alegam que essa é uma maneira de garantir a qualidade das aulas virtuais na plataforma, além disso, assegurar a veracidade das informações prestadas. Ainda afirmam ter como propósito auxiliar docentes e estudantes:

Se você estiver fazendo uma pesquisa para um projeto, precisando de ajuda em sua tarefa escolar ou apenas querendo aprender algo novo, o YouTube Edu é o seu lugar! Se você é professor, no YouTube Edu você poderá submeter suas videoaulas para publicação, ou ainda escolher outras aulas para utilizar com seus alunos! O projeto é uma parceria entre a Fundação Lemann e o Google, para a criação de uma página exclusiva do YouTube, na qual professores, gestores e alunos podem encontrar conteúdos educacionais gratuitos e de qualidade, em Português. A curadoria dos vídeos foi feita por professores especialistas e altamente capacitados, selecionados pelo Sistema de Ensino Poliedro e coordenados pela Fundação Lemann. Os conteúdos disponíveis são voltados para os níveis de Ensino Fundamental e Ensino Médio, englobando as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências (Química, Física e Biologia), História, Geografia, Língua Espanhola e Língua Inglesa (YOUTUBE, acesso 28 out. 2018).

Da mesma forma que o *YouTube*, em parceria com a Fundação Lemann, explora o fértil mercado educacional, os “professores-youtubers” também se beneficiam do potencial econômico da plataforma. Ou seja, a partir dos recursos audiovisuais que atingem mais pessoas e se mostram mais atraentes, como afirmam as autoras Bispo e Barros (2016, p.867), os docentes conseguem realizar sua autopromoção, por meio das visualizações diárias, semanais e mensais que garantem retorno financeiro e simbólico. Ainda segundo as autoras:

É neste momento que se começa a pensar no comércio das ideias, como no exemplo de profissionais que conquistam rapidamente o seu leitor/espectador com um vídeo de curta duração e oferecem um conteúdo mais aprofundado através da venda de e-books ou livro impresso, disponível para venda, inclusive pelo Facebook. (BISPO; BARROS, 2016, p.867)

O fato de o *YouTube* proporcionar uma educação mais acessível, não o exclui da lógica de mercado, pois o conhecimento é transformado em mercadoria. E para atender as demandas do mercado, dentro dos moldes da cultura participativa, o *YouTube* depende dos profissionais que se dedicam a produção de conteúdo. Nesse sentido, a história está sendo muito procurada na plataforma, e o risco desse fenômeno, é a qualidade do material disponível, que em muitos casos é criado por pessoas sem treinamento profissional na área:

Essa história produzida por leigos costuma ser uma história muito ruim. A história social, processual, interpretativa, estrutural, analítica, crítica, não chega ao grande público, e sim a história paroquial, episódica, factual, pitoresca, anedótica,

biográfica, das grandes batalhas, em rápidas narrativas dramáticas inflamadas. (MALERBA, 2014, p.32)

Assim, percebemos que existe uma significativa demanda social para a história em muitos meios, mas como declara Malerba (2014), o problema é que essa história popular é de qualidade questionável. Partindo do pressuposto que qualquer um pode escrever história, isso não significa que toda história tenha o mesmo valor e qualidade.

Quem são os *youtubers*?

Aqueles que têm um canal no *YouTube* tornam-se, automaticamente, *youtubers*. Conforme afirmam Motta, Bittencourt e Viana (2014), o ato de postar um vídeo na plataforma faz com que o internauta se converta em um canal de comunicação, lhe permitindo ser um formador de opinião autônomo e a envolver terceiros na troca de ideias e na construção de conhecimento em torno de diversos temas. Desse modo, esses produtores de vídeos são:

[...] chamados de *Youtubers* e concentram milhões de internautas em seus canais, por meio de assinaturas. O *Youtuber* posta vídeos de acordo com a frequência que lhe convém, e seu conteúdo pode ser assistido por qualquer internauta que encontre seus vídeos através de pesquisa, hiperlink ou pela assinatura de seu canal (MOTTA, BITTENCOURT, VIANA, 2014, p.4).

A assinatura é um recurso que permite ao usuário receber notificações em seu e-mail sempre que um novo vídeo for postado. Assim, “os assinantes dos canais dos *youtubers* agrupam-se por interesse no conteúdo ou graças à sensação (ou desejo) de pertencimento” (WOODWARD, 2000, p.8 apud MOTTA, BITTENCOURT, VIANA, 2014, p.4). E estes interagem com comentários, respostas e avaliações de “gostei” ou “não gostei”.

Essa lógica avaliativa dos canais de “professores-*youtubers*” se dá radicalmente de forma invertida ao que ocorre no contexto escolar, pois é o público (os estudantes consumidores) que avaliam os professores, o que gera receita para os canais e, conseqüentemente, para os docentes. Porém, isso precariza o trabalho desses profissionais, pois o professor se transforma em um prestador de serviços refém dos *likes*. Assim, na medida em que não atenda aos interesses de seus seguidores, ele pode ser facilmente descartado.

Dentro desse contexto educacional virtual, ou seja, a distância, sem contato presencial entre docentes e discentes, torna-se importante destacar o fato de que o ensino a distância não é nenhuma novidade. Segundo Fernandes e Ferreira, durante o Estado Novo (1937-1945), foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo, no qual o Estado financiava a produção de filmes educativos que “Eram usados como elementos construtivos de propaganda governamental e implementados para as massas como slogans ideológicos, de acordo com os interesses do Estado” (FERNANDES;

FERREIRA, 2012, p.4) Posteriormente, como aponta Bispo e Barros (2016, p.859) foram surgindo novas modalidades de ensino a distância, como o Telecurso, da Fundação Roberto Marinho, o qual especificamente com relação ao ensino de História:

[...] teve seu conteúdo enriquecido com novas linguagens, como a linguagem teatral, mas não deixou de manter a velha característica de ensino em que o professor leva o conteúdo ao aluno que o recebe passivamente. Na década de 1980, o videocassete entra em cena e passa, junto com a televisão, a complementar o que antes só era possível apenas no livro didático. Mesmo assim, o acesso a conteúdos específicos que hoje encontramos rapidamente em documentários, filmes, palestras, reportagens não era possível através da internet. (BISPO; BARROS, 2016, p.859)

Nesse modelo de educação a distância não havia interação entre os produtores de conteúdos e os alunos, os quais recebiam as informações de forma passiva. Já o *YouTube*, por sua parte, possibilita certa interação com os “professores-youtubers” e com outros usuários que comentam os vídeos. O número de inscritos, de visualizações e avaliações é determinante para que um canal tenha sucesso na plataforma, ou seja, o ganho monetário desses canais está diretamente interligado com a quantidade de público que o acessa.

O mercado já oferece alguns cursos preparatórios⁸ para se tornar um *youtuber*, e esses cursos trazem uma noção técnica do universo audiovisual e também fornecem instruções de como gerenciar o canal e os lucros obtidos. Nesse sentido, pode-se inferir que a implantação da terceirização também se faz presente no mundo virtual, pois dentro dessa lógica de autogerenciamento, os sujeitos tornam-se empreendedores de si mesmos. Assim, a empresa arrecada valores consideráveis com a produção desses profissionais e, ainda, isenta-se da responsabilidade para com essas pessoas.

Não obstante, os assinantes dos canais agrupam-se por interesse no conteúdo ou devido à sensação de pertencimento, e essa agregação “dos sujeitos em grupos de interesse comprova a ideia de que os Youtubers podem ser considerados líderes de opinião, em função do volume de pessoas que recebem suas mensagens e da discursividade que se estabelece em seus vídeos.” (MOTTA, BITTENCOURT, VIANA, 2014, p.4). Portanto, a plataforma promove uma intensa disseminação de ideias, porém, como todos os espaços sociais, têm seus problemas. Alguns *youtubers* propagam ideias e discursos de ódio, atrelados a episódios de homofobia, machismo, racismo, entre outros, em muitos casos demonstra-se certa falta de conhecimento sobre determinados assuntos. Por isso a necessidade de estudarmos e compreendermos as vantagens e limitações deste espaço para o ensino.

Nesse sentido, segundo João Mattar (2009), algumas universidades norte-americanas oferecem cursos sobre o *YouTube* para educadores, como o curso “*Youtube for Educators*”

⁸ Cursos disponíveis em: <<https://creatoracademy.youtube.com/>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

oferecido na *Boise State University*, bem como a disciplina intitulada “*Learning from Youtube*”, ofertada na *Pitzer College* em cursos de graduação (MATTAR, 2009, p.5). Sendo que, “há experiências com resultados positivos e negativos com o Youtube enquanto instrumento de ensino-aprendizagem” (BISPO; BARROS, 2016, p.860).

Canal para o ensino de História

Todavia, quando trabalhamos com temas relacionados à função do professor no processo de construção do conhecimento é sempre importante destacar que essa é uma “[...] profissão complexa e, tal como as demais profissões, é aprendida. Os processos de aprender a ensinar, de aprender a ser professor e de se desenvolver profissionalmente são lentos” (MAZUKAMI, 2013 apud CAINELLI; RAMOS; CUNHA, 2016, p.190). Assim, acreditamos que ser professor não é uma profissão inata, que o sujeito já nasce com a “vocação” para ensinar, pois o docente está em constante aprendizado.

Deste modo, compreende-se que a formação dos professores se dá através de processos de longo prazo e como acrescentam as autoras: “Iniciam-se antes do espaço formativo dos cursos de licenciatura e prolongam-se por toda a vida, alimentados e transformados por diferentes experiências profissionais e de vida” (MAZUKAMI, 2013 apud CAINELLI; RAMOS; CUNHA, 2016, p.190). Ou seja, a profissão de professor exige constante aperfeiçoamento e para isso acredita-se ser fundamental que o docente tenha capacidade de pesquisar as mais diversas questões que envolvem seu campo de atuação. Portanto, no caso da história, diante da era da cultura digital, se fazem necessários estudos sobre como os recursos audiovisuais, pois:

Os produtores audiovisuais tornaram-se vorazes competidores dos historiadores na tarefa de enunciar os discursos sobre o passado. Entretanto, eles enfrentam essa competição com a vantagem de poderem veicular suas narrativas históricas em meios de massa. Além disso, as possibilidades de construções narrativas que o aparato audiovisual permite são incrivelmente sedutoras e, de modo inequívoco, apresentam imenso apelo popular. Enfim, a indústria do audiovisual constituiu-se em uma colossal produtora de discursos sobre o passado, demandando, assim, a atenção dos profissionais da história para que compreendam que tipo de narrativa histórica tem sido produzida nas telas e como isso intervém na produção dos discursos contemporâneos sobre os acontecimentos passados (SANTOS, 2015, p.14)

Nesse sentido, entende-se que os produtores audiovisuais se utilizam de uma linguagem técnica para dar vida às suas produções, e essa linguagem serve aos grandes meios de comunicação.

Para Marinho:

Os meios de comunicação são, ao mesmo tempo, produtos e meios de produção que estão especialmente sob o domínio do desenvolvimento histórico da sociedade. [...] O exercício crítico, no entanto, leva-nos a desconfiar de tudo aquilo que foi naturalizado e que, justamente, por isso, adquire status de verdade. Desconfiamos, também, da suposta neutralidade de instituições, como, por exemplo, a linguagem.

É preciso, principalmente, desconfiar dela, em todas as suas formas de manifestação, pois é através da linguagem que se constrói ou se destrói a história da humanidade. (MARINHO, 2015, p.1)

Segundo Behar (2000, p.19), o uso do audiovisual no ensino de história pode ser positivo, dado que o cinema sempre foi uma fonte riquíssima para o historiador, pois tanto o que está no filme, como a história de sua produção, testemunha sobre a sociedade e seu tempo. Entretanto, sua utilização requer sempre uma conduta crítica por parte do professor, para não ser utilizado apenas como forma de entretenimento. Nesse contexto, podemos comparar e relacionar o uso do cinema no ensino de história aos canais e vídeos disponíveis no *YouTube*, os quais obviamente estão atrelados ao universo audiovisual. De acordo com Jacqueline Sánchez-Carrero:

[...] bem é certo que o manejo básico de uma câmera é relativamente simples de aprender, também é fundamental tudo o que leva a compreender quando se comprovam suas possibilidades. Não se trata de “apertar botões”, como sustentam alguns adversários da técnica -normalmente desconhecedores dela-. Trata-se de explorar e se aproximar a esse instrumento que, entre outros muitos do mundo audiovisual, transforma a realidade, como aponta Gerald Milleon. Assim, se juntarmos conhecimento -técnico e semântico- e criatividade para refletir valores positivos do ser humano, então é seguro que estamos pelo bom caminho do ensino audiovisual (CARRERO, 2009, p.147, tradução nossa).

Da mesma forma que o mundo audiovisual pode transformar a realidade, para Paulo Freire a educação também é uma ferramenta de transformação da realidade social, em especial quando afirma que a educação não transforma o mundo, a educação muda pessoas e pessoas transformam o mundo. Nesse sentido, de acordo com Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2013), ser professor significa ter um compromisso constante com as práticas sociais, e para assegurar este compromisso, cabe ao docente trabalhar com metodologias participativas e desafiadoras, estimulando o pensamento crítico dos alunos. Desse modo, no caso da história, metodologicamente, percebemos que a inserção dos vídeos do *YouTube* no ensino de história pode ser um dos meios para o despertar da consciência histórica:

[...] a partir de um trabalho que percorra um caminho que signifique os documentários, os filmes, as entrevistas dentro do conteúdo a ser ministrado em sala de aula, de maneira que se possa “desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem que estabeleçam limites no consumo de informação e tecnologias, sem que isso signifique a sua negação” (ARRUDA, 2013, p. 236).

De acordo com Jörn Rüsen (2009), a consciência histórica pode ser entendida como uma categoria que se relaciona a toda forma de pensamento histórico pois “[...] o processo mental da consciência histórica pode ser rapidamente descrito como o significar da experiência do tempo interpretando o passado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro” (RÜSEN, 2009, p.168). Nesse sentido, considera-se que a seleção dos vídeos do *YouTube* deve estar plenamente conectada ao conteúdo a ser trabalhado em aula, pois “Não devem ser introduzidos de maneira

isolada, sem que haja um processo de reflexão, de apropriação, de uma visão crítica por parte do professor, que deve levar os alunos a refletirem quanto ao assunto que está sendo apresentado.”(BISPO; BARROS, 2016, p.870). Todavia, os docentes podem optar por fazer o caminho contrário, “[...] ao invés de encontrar um vídeo que seja adequado a sua aula, ele pode fazer da aula, de um projeto ou do que está sendo ensinado um vídeo, em que os alunos produzirão um material sobre determinado assunto e os disponibilizarão na internet”, o que integra e expande o conhecimento produzido em classe com terceiros (BISPO; BARROS, 2016, p.870).

Há também canais que expõe perspectivas históricas que podem contribuir com o trabalho do professor em sua prática, a fim de “[...] complementar, enriquecer os conteúdos ensinados em sala de aula (BISPO; BARROS, 2016, p.870). Nesse sentido, esse artigo pretende analisar os três canais relacionados ao ensino de História cujas produções estão direcionadas ao ensino médio e o ensino superior.

O canal "Se Liga Nessa História" está no *YouTube* desde novembro de 2014. Apresenta 379 vídeos, com mais de 876 mil inscritos e 33 milhões de visualizações (dados obtidos 25 de nov. 2018) e está inserido no programa *YouTube* Edu. É produzido pelo professor e historiador Walter Solla (responsável pelo conteúdo de história) e por Ary Neto (encarregado pela parte audiovisual). No questionário⁹ que enviamos aos *youtubers* via *e-mail* o professor Walter Solla afirma que “sempre gostou da disciplina História nos tempos de escola, tinha mais interesse, mais facilidade, mais encantamento”. Por isso “escolheu graduar-se nessa área do conhecimento”. Assim, vemos que ele atua como docente desde 2011, sendo bacharel e licenciado em História pela Universidade Estadual de São Paulo, como consta na plataforma lattes. Quando perguntado sobre como enxerga o papel do professor na sociedade e no *YouTube*, mediante o questionário, declara que:

O professor, na prática, facilita o aprendizado de conteúdos aos alunos. No *YouTube* ele utiliza das possibilidades deste espaço virtual, amigável aos alunos, para produzir videoaulas que o aluno pode assistir a qualquer momento, de acordo com sua necessidade e interesse e não só de acordo com a grade horária da escola.

Em seus vídeos *youtubers* procuram trabalhar os temas históricos com senso de humor para romper com os métodos mais tradicionais de ensino, tanto que, quando perguntado “Qual a finalidade de sua aula no *YouTube*?”, Solla declara que “a finalidade é oferecer ao público conteúdo de qualidade, desenvolvido a partir de parâmetros didáticos e de técnicas audiovisuais que garantam maior dinamismo e, por sua vez, maior assimilação pelo público”.

⁹Tudo que será citado nesta seção do artigo foi retirado de um questionário aplicado via e-mail aos três *youtubers*. Porém com a seguinte ressalva, foram propostas e encaminhadas cinco perguntas, após enviarem as respostas optamos por adicionar uma sexta pergunta “Qual a finalidade de sua aula no *YouTube*?”, o qual somente dois *youtubers* responderam.

O “Se Liga Nessa História” também oferece um curso *online* pago chamado “Quarentena Humanas”, acessado por meio de um site que leva o mesmo nome do canal. O curso volta-se para os vestibulares e para o ENEM¹⁰. O canal e o curso contam com aulas de Sociologia, Filosofia e Geografia. Porém, o canal divide as aulas de História em dois blocos, sendo que o primeiro é denominado como “História do Mundo”. O qual 38 vídeos se ramificam, em quatro pequenos blocos: Idade Antiga (16 vídeos), Idade Média (11 vídeos), Idade Moderna (06 vídeos) e Idade Contemporânea (05 vídeos), como se observa na Figura 2:

Figura 2. Organização dos vídeos “História do Mundo”

HISTÓRIA do MUNDO



Fonte: (SOLLA; NETO. nov. 2018)

O segundo bloco “História do Brasil”, se ramifica em 50 vídeos que tem três pequenos blocos, sendo eles: Brasil Colônia (18 vídeos), Brasil Império (05 vídeos) e Brasil República (27 vídeos), conforme podemos observar na Figura 3:

Figura 3. Organização dos vídeos “História do Brasil”:

¹⁰O Exame Nacional do Ensino Médio é uma prova utilizada para avaliar a qualidade do ensino médio no país, e permitir que estudantes acessem universidades públicas no território brasileiro. Disponível em: <<https://enem.inep.gov.br/>> . Acesso em: 05 jun. 2018.

HISTÓRIA do BRASIL



Fonte: (SOLLA; NETO. nov. 2018)

Um dos vídeos do canal que leva o nome “Quem é o Professor Walter?”, Solla afirma que desde muito jovem se interessava pelos conhecimentos históricos, mas não imaginava os caminhos que percorreria, e que desejava uma educação diferente, até que reencontrou um amigo da universidade, Ary, e juntos criaram o canal no *YouTube* para dar aulas de História. Assim, os conteúdos criados em conjunto passaram a ser distribuídos gratuitamente na plataforma. Ainda no vídeo, Solla diz não ser grande fã do ensino a distância. Porém, para ele o *YouTube* possibilitou o contato com uma quantidade maior de estudantes que anteriormente em suas experiências presenciais em sala de aula.

No momento em que foi perguntado no questionário “O que o *Youtube* significa para você? O que o motivou a criar um canal de História na plataforma?”, Solla respondeu que:

O YouTube é um canal de comunicação entre o produtor de conteúdo e o público, assim como o jornal, a TV e o rádio. O que me motivou criar um canal de História foi a possibilidade de atingir um público maior que em uma aula presencial; a pouca burocracia para isso; o baixo custo; possibilidades didáticas garantidas pelo audiovisual; e a intenção de obter sustento a partir disso.

Ressalta-se que o canal traz entrevistas com figuras importantes de outros segmentos fora do campo acadêmico, como o *rapper* e poeta Fábio Brazza. A entrevista leva o nome de “*rap* e educação” e ilustra a importância do *rap* como suporte para o desenvolvimento de uma consciência histórica. Outra característica do canal é que ele não modera os comentários, uma vez que permite que qualquer usuário da plataforma se manifeste via comentários.

Assim, entendemos que o “Se Liga Nessa História” apresenta os vídeos numa perspectiva cronológica, o que de certa forma pode facilitar para que o aluno se situe no espaço-tempo. Traz

conceitos básicos da historiografia com senso de humor, fora as entrevistas que rompe com os dogmas acadêmicos.

O seguinte canal se chama “Vamos falar de História?”. Criado por Felipe Dideus, está no *YouTube* desde setembro de 2013, contando com 282 vídeos postados, mais de 418 mil inscritos e 25 milhões de visualizações (dados obtidos 25 de nov. 2018). Felipe Dideus nos declarou – quando perguntado como enxerga o papel do professor na sociedade e no próprio *YouTube* – que “enxerga os professores como os responsáveis pelo futuro e base de uma sociedade estável”. Dos três *youtubers*, Felipe Dideus é o único que não concluiu a graduação em História e nos declarou o seguinte:

Estudei História durante seis meses na Universidade de Taubaté, porém, não concluí por falta de recursos financeiros. Então, não sou formado em História. Sempre gostei muito de Segunda Guerra Mundial. Estudando o tema, lendo livros, assistindo professores, documentários, filmes, acabei me apaixonando perdidamente pelo tema. Vi que muitos países, inclusive a propina Alemanha, valorizavam seus veteranos de guerra. Valorizavam de uma forma honrosa. Foi quando eu me perguntei sobre os soldados brasileiros. Sempre vi muita gente desmerecendo nossos veteranos. Fui atrás e pesquisei muito. Descobri grandes histórias e isso aumentou mais ainda meu gosto por assuntos militares. Procurei narrar as histórias dos nossos combatentes para mostrar que eles não mereciam tal desmerecimento e que assim como qualquer soldado que lutou na segunda guerra mundial, os nossos também tiveram seu valor.

Logo de início podemos observar que a descrição do canal diz que se propõe a passar as informações de uma forma simples e objetiva, finalizando com uma frase atribuída ao filósofo e historiador francês Ernest Renan: "O talento do historiador consiste em compor um conjunto verdadeiro com elementos que são verdadeiros apenas pela metade". Quando perguntado no questionário “Quais as vantagens e desvantagens o *YouTube* pode trazer para o ensino de História?” Felipe Dideus nos respondeu que:

A grande vantagem do Youtube é que hoje você encontra muita informação que antes era propagada parcialmente. Há 15 anos, grande parte da população brasileira tinha acesso somente a um lado da História, lado este proposto pelo veículo da mídia e pelo sistema educacional do governo. O Youtube deu voz para milhares. A grande desvantagem, por outro lado, é que o Youtube também foi usado para propagar muita desinformação histórica.

A partir da análise do discurso do *youtuber*, vemos que ele percebe a História como factual, numa vertente bastante positivista. No entanto, essa afirmação apresenta-se de forma equivocada. Vale destacar que com a influência da Escola dos Annales sobre a historiografia, deixou-se de pregar uma história de maneira cronológica e factual, e abriu-se espaço para uma história cultural, incorporando o conceito da longa duração e o uso de fontes seriadas. Isso ampliou o diálogo com outras disciplinas, como a Antropologia e a Sociologia.

O canal estrutura seu conteúdo entre dez blocos de vídeos, separados por temáticas, sendo elas: Envios Recentes / Todos os Vídeos (282 vídeos), Temas Paralelos (128 vídeos), História do Brasil (73 vídeos), Poder Militar (15 vídeos), Mitologias | Mitos | Lendas (22 vídeos), História Geral (27 vídeos), O Outro Lado da História (06 vídeos), Teorias da Conspiração (04 vídeos), Os Últimos Envios e Guerras (10 vídeos). Como se observa na Figura 4.

Figura 4. Organização dos vídeos “Vamos Falar de História?”.



Fonte: (DIDEUS. nov. 2018)

Traz uma série de vídeos voltados para as histórias de guerras e conflitos que envolvem grandes figuras militares e distintas nações, como podemos observar em alguns dos títulos dos vídeos que apresenta, como: “Insurreição pernambucana, a GUERRA contra os HOLANDESES”; “A Coreia do Norte pode ser uma ameaça para o Brasil?”; “O Brasil tem munição para apenas uma hora de guerra?”; “O pai de todas as bombas vs a mãe de todas as bombas”; “1964 - O golpe militar”; “O outro lado do Regime Militar Brasileiro”; “Os três heróis brasileiros”; “Guerra do Paraguai | Ep-1”; “O outro lado da União Soviética”; “Guerra do Vietnã”, “Samurais” e “Mitologia Grega | Ep 6 | Teseu. Nesse sentido, Felipe Dideus mostra-se bastante patriota com relação ao Brasil, tanto que em alguns vídeos aparece com uma camiseta da Força Expedicionária

Brasileira¹¹(FEB), o que é reforçado em alguns de seus vídeos que trazem imagens coladas ao fundo do cenário de Ayrton Senna e Dom Pedro II.

Dideus não modera os comentários, ou seja, permite que qualquer usuário do *YouTube* comente seus vídeos livremente. O criador do canal detém e divulga constantemente nos vídeos sua loja virtual¹², que garante a manutenção do canal, oferecendo a venda de canecas e camisetas personalizadas, que se dividem categoricamente entre os períodos: Antiguidade, Idade Média, Moderna e Contemporânea. Entre os períodos são estampados signos como: o olho de Hórus, o Yin-Yang Chinês, os Templários, a Companhia das Índias Orientais, a bandeira com um lobo dos Confederados, o Bombardeiro B-17, a bandeira da FEB e o brasão do Império do Brasil, entre outros. É interessante notar que nessa linha de valorização do Estado Nação a loja também oferece produtos com estampas de brasões de famílias do Brasil, trazendo sobrenomes populares como Silva, Santos, Bastos, Moraes, Rodrigues, Carvalho, etc.

Ao que tudo indica, os dois canais apresentados até o momento dedicam, ao menos uma parte do conteúdo, para explicar acontecimentos históricos com uma linguagem mais informal, e trazem conteúdos presentes em vestibulares. Infere-se que os dois canais atraíam pessoas que estão planejando ingressar no universo acadêmico.

Nesse sentido, a graduação representa um período de mudanças e adaptação ao ritmo de estudos, sendo que, “na formação superior, o ensino é mais denso, a historiografia é apresentada a partir de leituras científicas” (BISPO; BARROS, 2016, p.874). No caso especificamente da história, o estudo, a pesquisa do historiador, perpassa os campos da economia, da cultura, da sociedade, dos cotidianos, dos costumes e tradições, entre outros.

Assim, para se resgatar memórias da humanidade, investigar e interpretar criticamente os fatos e acontecimentos históricos, se faz necessário apropriar e compreender os conceitos e a linguagem que a historiografia utiliza, o que para um leigo recém-chegado à graduação em História pode não ser uma tarefa simples. Nesse aspecto, torna-se útil o próximo canal analisado, o “Leitura ObrigaHistória”, que se mostra de grande serventia para os estudantes em processo de graduação em História, ou que estão na pós-graduação, por apresentar discussões mais aprofundadas, como conceitos históricos e leituras mais específicas da historiografia – o que de fato, o difere de outros canais desse segmento.

O “Leitura ObrigaHistória” começou como um blog de resenhas de livros acadêmicos, principalmente de história e, após ser ampliado para uma página no Facebook, houve uma projeção

¹¹A F.E.B. foi o agrupamento militar do Exército Brasileiro enviado à Europa para lutar na Segunda Guerra Mundial. Segundo, BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira. As enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front italiano. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 41, n. 3, p. 447-453, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/41641>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

¹²Loja virtual. Disponível em:<<https://www.vamosfalardehistoriastore.com.br>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

da mesma e seu conteúdo migrou para um canal no *YouTube*, tido como somente mais uma plataforma. Criado em agosto de 2015, conta com mais de 126 mil inscritos e 2,7 milhões de visualizações (dados obtidos 25 de nov. 2018). O canal é coordenado pelo professor e historiador Icles Rodrigues, mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por Luanna Jales, professora e historiadora também formada pela mesma instituição, e Mariane Pisani, doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo.

Dedicam-se a compartilhar o conhecimento histórico. Abordam nos vídeos dicas de livros, resenhas e temas históricos diversificados. Dissecam muitos conceitos históricos de forma clara e objetiva, de modo mais aprofundado e nos parâmetros acadêmicos, por apresentar, por exemplo, referências. É patente que diante da onda de desinformação e manipulação da opinião pública eles se mostram preocupados com a falta de interpretação das pessoas. Quando perguntados no questionário “como vocês enxergam o papel do professor na sociedade? E no *Youtube*?”, Icles Rodrigues declarou:

Fundamental. Não dá pra esperar uma resposta muito diferente vinda de um professor. No YouTube, o papel do professor é fazer contraponto à toda essa torrente de ignorância, desinformação, mentiras e manipulação pública, que possuem muito mais audiência do que merecem, se é que mereceriam alguma. Mas não basta repassar informação: é necessário ensinar as pessoas a interpretar textos, prestar atenção no conteúdo e respeitar o mínimo da hierarquia do conhecimento.

O canal organiza e subdivide seu conteúdo audiovisual entre quinze blocos, sendo eles: Dicas de livro (65 vídeos), Mulheres na História (10 vídeos), Entrevistas (11 vídeos), História Geral (20 vídeos), Antropológica (06 vídeos), Listas (02 vídeos), FAQ – Respondendo Perguntas Frequentes (03 vídeos), História e entretenimento (01 vídeo), Resenhas de livros (25 vídeos), Conceitos históricos (14 vídeos), Fontes Históricas (06 vídeos), Quem é quem na História? (09 vídeos), Meus livros (Bookshelf tour) (04 vídeos), Histórias das Nações (02 vídeos) e Rock & História (11 vídeos). Como se observa na figura 5.

Figura 5. Organização dos vídeos “Leitura Obrigatória”.



Fonte: (RODRIGUES; JALES; PISANI. nov. 2018)

Na seção que integra as entrevistas, o canal traz importantes pesquisadores, como a brasileira Lilia Schwarcz, professora de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP) e o italiano Giovanni Levi, um dos principais nomes da micro-história. Também com doutorandos que relatam suas experiências de Doutorado em Amsterdã e na Itália. O que representa uma expansão de caráter internacional e de integração, o qual enriquece os diálogos, os debates, a compreensão e a dimensão dos conceitos históricos para os espectadores do canal.

Diferentemente do “Se Liga Nessa História” e do “Vamos Falar de História?”, os comentários do canal são moderados, passam por um crivo dos criadores, antes de virem a público. Assim, criam um ambiente mais saudável e encorajador para que as pessoas participem, evitando comentários ofensivos, maliciosos, entre outros. O que se legitima no questionário quando perguntado a Rodrigues “Como se dá sua relação com o público?”, ele respondeu:

Em geral, costuma ser pacífica. Os encrenqueiros são todos banidos permanentemente do canal, sendo impedidos de comentar novamente, e o feedback positivo é constante, incluindo estudantes, professores, aposentados, adolescentes... Todas as faixas-etárias. Segundo dados do YouTube, apenas 27% do meu público é feminino, discrepância de gênero que eu confesso não saber explicar o motivo, mas parece que isso é relativamente comum em outros canais relacionados às ciências em geral, ainda que eu não tenha dados para apresentar nesse sentido.

Quando também indagado sobre “Quais as vantagens e desvantagens o *YouTube* pode trazer para o ensino de História?”, Icles Rodrigues declarou:

Eu não acho que haja vantagens específicas para o ensino de História. Acredito que o fato de ela ser uma plataforma primariamente audiovisual pode dar ao historiador

a possibilidade de usar muitas fotos e cenas de vídeos para criar um conteúdo mais dinâmico, mas isso vale para basicamente qualquer conteúdo. Já a desvantagem é inerente ao fato inescapável de que História e Política não se separam. Logo, ao falar de história, é virtualmente impossível não permear o conteúdo por política, mesmo que de forma sutil. E não importa que viés você aparente, sempre haverá um nicho do público disposto a te atacar pelo que você pensa ou, pior ainda, pelo que esses sujeitos acham que você pensa, mesmo que não seja verdade.

O blog¹³ que leva o mesmo nome, traz artigos, dicas de livros e entrevistas, o que comprova que o canal é uma extensão do blog, deixando o aprendizado ser alçado de uma forma mais lúdica. O projeto é financiado por colaboradores que podem apoiar com pequenos valores e também conta com uma loja virtual, a “Obrigastore”, que vende camisetas e canecas voltadas para o público das Ciências Humanas. Por meio dessas fontes de renda o canal espera levantar R\$4.500 para se autofinanciar e continuar prosperando.

Assim, ao estudarmos comparativamente os três canais, vemos que “Se Liga Nessa História” está pensado e estruturado para o público estudantil em fase de vestibular, e aposta no senso de humor e efeitos especiais que o aparato audiovisual proporciona para atrair mais internautas, sendo o *YouTube* utilizado como uma extensão da lógica dos cursinhos pré-vestibulares. Com esse mesmo objetivo de cativar o público, destacamos o canal “Vamos Falar de História?”, de Felipe Dideus, *youtuber* com formação superior incompleta em História devido à falta de recursos financeiros, sendo movido pelo “amor que sente pela História”, como nos afirmou no questionário. Seus vídeos focam mais os fatos históricos ligados aos conflitos, principalmente, os militares. Nessa conjuntura, ambos canais trabalham de uma certa forma com as fontes que acabam por reproduzir em seus vídeos uma história factual, episódica, pitoresca, anedótica, biográfica, em rápidas narrativas. Seus objetivos quanto à utilização da plataforma acabam caminhando na contramão da história crítica, documentada e teoricamente fundamentada ao alcance de seu público de forma gratuita.

Por outro lado, se faz necessário considerar a história que atinge grandes audiências, um campo e/ou uma linguagem fundamental que requer atenção dos historiadores acadêmicos. Nesse sentido, o canal “Leitura ObrigaHistória” apresenta diferenças em densidade de conteúdos e critérios metodológicos com o “Se Liga Nessa História” e o “Vamos Falar de História?”. Nota-se uma outra postura do “Leitura ObrigaHistória” na forma como o canal apresenta, indica e referencia às fontes, além da maneira que problematiza os conteúdos. Ou seja, há uma preocupação com as interpretações dos fatos e conceitos, bem como um cuidado para não cometer anacronismos cruciais para a aprendizagem histórica. Posto que os vídeos também demonstram atenção com a parte técnica, vale destacar que este canal traz uma imagem e som de qualidade. Dessa forma, consegue atender a demanda da história na plataforma com uma produção de história acadêmica e, ao mesmo tempo, popular e de qualidade.

¹³ Blog disponível em: <<http://leituraobrigahistoria.blogspot.com/>>. Acesso em: 25 out. 2018

Considerações Finais

Observou-se que, devido a que uma parte significativa dos historiadores está produzindo conhecimento histórico para outros historiadores ou para estudantes de forma geral e que, fora poucas exceções, a historiografia acadêmica não se faz muito presente nos espaços públicos de debates e se mantém muitas vezes nos circuitos fechados do universo acadêmico, os produtores audiovisuais se tornaram fortes competidores dos historiadores. Nesse sentido, a linguagem audiovisual que está presente nos vídeos do *YouTube*, quando se volta para a área educacional, desperta opiniões dicotômicas entre os aspectos positivos e negativos com relação ao ensino-aprendizagem.

O lado “sombrio” da educação por meio da plataforma se dá mediante as fundações criadas por grupos empresariais que se aproveitam para explorar e fomentar o ensino a distância, a fim de terceirizar e isentar-se das responsabilidades para com esses profissionais, o que certamente desprestigia e desqualifica o ofício desses profissionais, em especial, dos professores.

Por outro lado, os vídeos do *YouTube* podem contribuir com o trabalho do professor em sua prática, como recurso didático para o ensino de História, desde que os conteúdos utilizados se deem de forma a serem problematizados por parte dos docentes e discentes, considerando os contextos históricos do roteiro e da época que foram produzidos, bem como, as intencionalidades dos diretores, dos cortes, dos produtores, e de tudo que engloba os recursos audiovisuais. Em outras palavras, os conteúdos dos vídeos do *YouTube* não devem ser utilizados como mero entretenimento e, também, não devem ser os principais responsáveis pela formação dos estudantes.

Entendemos que o *YouTube* se tornou uma ferramenta incrível na atualidade, praticamente qualquer indivíduo pode expressar-se por meio dele. Porém, é inegável que existam canais dentro da plataforma que estão produzindo conteúdos que poderiam ser considerados “a-históricos” ou “anacrônicos”, nos quais os fatos, acontecimentos e processos históricos estão sendo distorcidos ideologicamente para atender as demandas conservadoras da sociedade. Desse modo, se faz necessário que os historiadores acadêmicos compreendam com maior profundidade a dimensão pública do seu ofício, indo além dos muros da academia e participando dos debates de interesse público.

Sublinha-se o fato de que no compartilhador de vídeos a lógica avaliativa é invertida. O docente passa a ser avaliado por seus alunos espectadores, e essa lógica favorece ao mercado, pois o professor muitas vezes se vê obrigado a agradar e adaptar-se aos caprichos de seus espectadores. Caso não se renda a tais caprichos, corre o risco de não ter público e nem receita. Consequentemente, torna-se um refém dos ideais da indústria, tanto educacional, quanto do

entretenimento, visto que essa cultura em prol de *likes* nos vídeos acaba favorecendo os canais mais bem avaliados e visualizados que podem não ser os que portem maior qualidade de conteúdo.

Sob essa perspectiva da interação virtual, destaca-se também que os docentes não podem observar as carências dos alunos individualmente. Mesmo com a pseudo-aproximação que a plataforma permite, o papel do professor se torna limitado.

Portanto, em uma sociedade que nos exige processar as informações o mais rápido possível, o que obviamente abarca a educação, se reproduz uma lógica de *fast-food*¹⁴ das informações, isto é, mais que criticar o papel da tecnologia devemos perguntar-nos o rumo da educação formal frente a formação do pensamento crítico e a sua capacidade para dialogar com essas fontes de informações já instaladas no corpo social.

Referências

ALVES, Rosental Calmon. **Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução contínua.** Comunicação e sociedade, v. 9, n. 10, p. 93-102, 2012.

ARRUDA, Eucidio. Pimenta. **Ensino e aprendizagem na sociedade do entretenimento: desafios para a formação docente.** Educação (PUCRS. Impresso), Porto Alegre, v. 36, p. 232-239, 2013.

BEHAR, Regina Maria Rodrigues. **O uso do vídeo no Ensino de História.** João Pessoa: Edições CCHLA. Editora Universitária/UFPB, 2000.

BISPO, Luana Maria Cavalcanti; BARROS, Kelly Cristiane. **Vídeos do YouTube como recurso didático para o ensino de História.** Atas de Pesquisa em Educação, 2016, vol. 11, no 3, p. 856-877.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; IAHN, Luciene Ferreira; BENTES, Roberto de Fino. **As Ferramentas da Web 2.0 nas Organizações: vantagens e contextos de utilização.** RNTI. Revista Negócios e Tecnologia da Informação (Impresso), v. 2, p. 18-33, 2007.

BURGESS, Jean. & GREEN, Joshua. **Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade.** São Paulo: Aleph, 2009.

CAINELLI, Marlene Rosa; RAMOS, Teté Elisa Ramos; CUNHA, Maria.de Fátima. **Formação de Professores de História: o Princípio Investigativo como Fundamento da Prática de Ensino.** PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 189-204, jan./abr. 2016.

CARRERO, Jacqueline Sánchez. **Pequeños televidentes/Pequeños productores.** De cómo los niños participan en la ciudadanía comunicativa. Palabra Clave, v. 12, n. 1, p. 7, 2009.

¹⁴Do inglês “comida rápida”, relacionado ao consumo e produção de refeições preparadas e servidas em um intervalo pequeno de tempo. Sendo usado como analogia ao intenso tráfego de informações que a internet proporciona em um curto espaço de tempo. Significado tomado de: <https://www.dicio.com.br/fast-food/>. Acesso: 03 nov. 2018.

DE OLIVEIRA, Cláudio. **TIC'S na educação:** a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno. *Pedagogia em Ação*, v. 7, n. 1, 2015.

DIDEUS, Felipe. **Vamos Falar de História?** YouTube, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/vamosfalardehistoria/playlists> >. Acesso: 25 nov. 2018.

FERNANDES, Márcio Regis. FERREIRA, Maria. Nahir. Batista. **Vídeo documentário:** um instrumento do ensino-aprendizagem de história. In: Encontro Estadual de História do Ceará (13). 2012. Sobral, Ceará. Anais. Disponível em:

<<https://www.scribd.com/document/263342956/VIDEO-DOCUMENTARIO-UM-INSTRUMENTO-Do-Ensino-Aprendizagem-de-Historia>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 46ªed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOOGLE. **Estudo Video Viewers: Press Event – Brandcast.** Julho de 2017. Disponível em: <<http://www.michaeloliveira.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Video-Viewers-2017-Brandcast-Press-Event.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

GUZMÁN, Alba Patricia; MORAL, Maria Esther Del. **Tendencias de uso de YouTube:** optimizando la comunicacón estratégica de las universidades iberoamericanas. *Observatorio (OBS*)*, v. 8, n. 1, p. 69-94, 2014.

LENHARDT, Amanda; MADDEN, Mary. **Teen Content Creators and Consumers.** Washington, DC: Pew Internet & American Life Project, 2005. Disponível em:

<<http://www.pewinternet.org/files/old-media/Files/Reports/2006/PIP%20Bloggers%20Report%20July%2019%202006.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

MALERBA, Jurandir. **Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?** uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *História da historiografia*, n. 15, p. 27-50, 2014.

MARINHO, Sílvia Maria Santos. **"Os meios de comunicação e sua influência na sociedade atual."** In: II Congresso Nacional de Educação. 2015. Campina Grande, Paraíba. Anais. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA16_ID6627_17082015025331.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2018.

MATTAR, João. **Youtube na educação: o uso de vídeos em EaD.** São Paulo, 2009.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **"Mas não somente assim!"** Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Revista Tempo*, vol. 11, núm. 21, julho, 2006, pp. 5-16 Universidade Federal Fluminense Niterói, Brasil.

MOTTA, Bruna Seibert; BITTENCOURT, Maíra; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. "**A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia.**" Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação–E-compós, Brasília 17, no. 3, 2014.

PEDRO, Alexandra Raquel. **Os museus portugueses e a Web 2.0.** *Ciência da Informação*. V. 39, n. 2, 2010.

RODRIGUES, Icles; JALES, Luanna; PISANI, Mariane. **Leitura Obriga História.** YouTube, 2018. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/channel/UCtMjnvODdK1Gwy8psW3dzrg/playlistsplaylists>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

RÜSEN, Jörn. **Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história.** *História da historiografia*, n. 2, p. 163-209, 2009.

SANTOS, Márcio Tavares dos. **Memória cinematográfica: a reconstrução histórica das ditaduras brasileira e chilena através da produção fílmica de Lúcia Murat e Pablo Larraín.** 2015.

SOLLA, Walter; NETO, Ary. **Se Liga Nessa História.** YouTube, 2018. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/user/seliganessahistoria1/playlists>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

THINK WITH GOOGLE. **De Play em Play.** Jul/2017. Disponível em:

<<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/de-play-em-play/>>. Acesso em: 31 mar. 2018.